

# O INCIDENTE DA BAÍA ESPERANZA: possibilidades de confrontação militar na Antártica

PAULO EDUARDO AGUIAR SARAIVA CÂMARA\*  
Professor

JOANISVAL BRITO GONÇALVES\*\*  
Professor

---

## SUMÁRIO

Introdução  
Interesses conflitantes e disputas de território  
O incêndio da Base D  
O incidente  
Consequências  
Considerações Finais

## INTRODUÇÃO

Com 14 milhões de km<sup>2</sup> e 70% de toda a água doce existente no planeta, além de inúmeras reservas intocadas de recursos minerais, a Antártica é definida pelo Tratado Antártico, de 1959, como

“um local dedicado exclusivamente à paz e à ciência” (CÂMARA & MELO 2018). O continente gelado, porém, sempre foi objeto de atenção das grandes potências, que o consideram uma área estratégica. Nesse sentido, nas próximas linhas deste artigo pretende-se narrar brevemente um

---

\*Doutor em Botânica pela University of Missouri, Saint Louis (EUA) e docente da Universidade de Brasília (UnB). Coordenador de projeto no Programa Antártico Brasileiro (Proantar). Egresso da Escola Superior de Guerra.

\*\*Doutor em Relações Internacionais pela UnB, advogado e consultor legislativo do Senado Federal. É secretário especial adjunto da Secretaria Especial de Assuntos Estratégicos da Presidência da República.

incidente militar ocorrido na região, no qual duas potências se envolveram, em uma escaramuça pelo controle de um território e que poderia ter culminado em uma guerra no extremo sul do globo.

## INTERESSES CONFLITANTES E DISPUTAS DE TERRITÓRIO

Embora a Antártica tenha permanecido alheia aos grandes conflitos que ocorreram no mundo desde a sua descoberta (já no século XIX), a Alemanha fez ali uma incursão durante a Segunda Guerra Mundial. Em 1941, o cruzador alemão *Pinguin*, da Kriegsmarine, atacou uma frota baleeira norueguesa próximo à Ilha Geórgia do Sul, pertencente ao Reino Unido<sup>1</sup> (o navio alemão seria afundado em 8 de maio daquele ano pelo cruzador britânico HMS *Cornwall*). Com isso, percebeu-se que as águas nas proximidades do continente antártico precisariam ser patrulhadas mais de perto.

Assim, em 1943, para fazer frente ao avanço alemão na Antártica, o Reino Unido desencadeou a Operação Tabarin, que resultou na construção de diversas bases britânicas no continente antártico. A presença britânica e os reclames territoriais do Reino Unido sobre a região seriam também fortalecidos. Vale lembrar que, desde 1908, Londres já possuía uma demanda territorial oficial

sobre grande parte da Península Antártica<sup>2</sup> (reclame que ainda persiste até os dias de hoje, embora o Tratado Antártico não reconheça qualquer pretensão nacional sobre o território do continente).

Em 1943, a Argentina fez também seu reclame territorial oficial sobre parte da Península Antártica, com grande sobreposição de áreas com a demanda britânica – situação existente ainda hoje e que se soma ao reclame chileno de 1940, também sobreposto aos dois outros (Figura 1). Tinha-se, durante a Segunda Guerra Mundial, uma preocupação efetiva do governo de Sua Majestade, já que, na época, os britânicos percebiam a neutra Argentina, com alguns setores da sociedade (e do governo), simpática à Alemanha nazista.

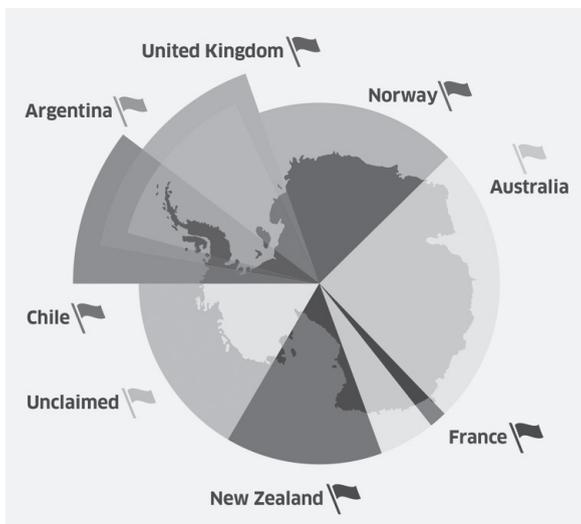


Figura 1 – Reclames territoriais no continente antártico. Observe a sobreposição entre os reclames da Argentina, do Chile e do Reino Unido. Fonte: <https://discoveringantarctica.org.uk/how-is-antarctica-governed/the-antarctic-treaty/making-claims/>

1 Sobre o assunto, vide <https://www.warsailors.com/raidervictims/pinguin.html>. Acesso em: 15 maio 2021.

2 A região insere-se nos chamados British Antarctic Territories, que compreendem “o setor da Antártica ao sul de latitude 60 graus Sul, entre longitude 20 graus Oeste e 80 graus Oeste”. Essa reivindicação do Reino Unido sobre a Antártida é a mais antiga feita no continente. Observa-se que todas as reivindicações de soberania territorial para a Antártida são mantidas suspensas, em razão do artigo IV do Tratado da Antártica de 1959. Sobre o assunto, vide <https://www.gov.uk/world/organisations/british-antarctic-territory>.

Animosidades entre a Argentina e o Reino Unido aumentaram de maneira significativa. De fato, o choque de interesses entre os dois países culminaria na primeira, e provavelmente única, agressão armada ocorrida na Antártica, contrariando um pouco a noção amplamente aceita da vocação totalmente pacífica do continente gelado.

Tensões entre Reino Unido e Argentina aumentariam substancialmente durante os anos subsequentes, com diversos pequenos incidentes, que incluíam hasteamento de bandeiras e colocação de placas com reclames de posse na região. Um exemplo bastante célebre disso ocorreu na Ilha Deception, onde, ainda em 1942, a Argentina após um cilindro de cobre com reclame de posse do local e hasteou ali a sua bandeira nacional. Na sequência, em 1943, os britânicos substituíram a bandeira argentina pela do Reino Unido e enviaram o cilindro de volta a Buenos Aires, tendo colocado ali quatro de seus próprios marcos geodésicos com o selo imperial<sup>3</sup>.

## O INCÊNDIO DA BASE D

Como parte da política de aumento da presença no Atlântico Sul, o Reino Unido estabeleceu diversas bases na área de sua reivindicação territorial antártica, utilizando-se de letras sequenciais para designá-las. Dessa forma, em 1944 foi instalada a Base D em Hope Bay, ou Baía Esperanza, na Península Antártica, nas imediações do estratégico estreito antártico que liga o Mar de Weddell ao Estreito de Bransfield.

Em 1948, a Base D foi totalmente destruída por um incêndio, causando a morte de dois súditos de Sua Majestade (Oliver

Burd e Michael Green). Um terceiro membro (o médico Bill Sladen) sobreviveu por 16 dias sem contato por rádio, até que uma equipe que fazia trabalho de campo percebeu a falta de comunicação e decidiu voltar para a base.

Os britânicos mortos no sinistro estão ainda hoje enterrados naquele local. Nota-se que o incidente ocorreu no mesmo dia em que Erick Platt morreu de ataque cardíaco. Ele foi o primeiro chefe da antiga Base G, onde hoje se localiza a Estação Antártica Comandante Ferraz (EACF), e seu corpo ainda se encontra nas cercanias da Estação, podendo seu nome ser lido na cruz que marca sua sepultura (CÂMARA *et al.* 2020).

## O INCIDENTE

Após a destruição da Base D e seu subsequente abandono, a Argentina iniciou ali a construção de uma base sua, denominada Esperanza. Em 1º de fevereiro de 1952, os britânicos enviaram um navio ao local (o RRS *John Biscoe*), onde desembarcou uma equipe de trabalhadores civis para reconstruir a antiga base inglesa sinistrada.

Militares da Marinha argentina abriram fogo, disparando tiros de “metralhadora” em direção aos civis ingleses, que foram forçados a voltar para o navio, o qual, logo em seguida, retornou a seu porto de origem em Stanley, nas Ilhas Falkland (Malvinas). O governador das Falkland Islands Dependencies, Sir Miles Clifford, escreveu a Londres expondo seu entendimento de que o fato constituiria um “ato de guerra”. Em seguida, ele mesmo embarcou na Fragata HMS *Burghhead Bay*, armada com 12 canhões (quatro de 40 mm, quatro de 20 mm e quatro de 4 pole-

3 Alguns documentos relacionados a essas pretensões estão disponíveis em: <https://sparc.utas.edu.au/index.php/antarctic-documents-database>. Acesso em: 16 maio 2021.

gadas) e uma tripulação de 157 homens, a fim de escoltar o RRS *John Biscoe* de volta a Hope Bay. O ato possibilitou a reconstrução da base britânica, que permaneceu em uso até 1964.

O próprio Governador Clifford desembarcou para supervisionar pessoalmente as obras. Em 10 de fevereiro do mesmo ano, a fragata britânica foi danificada após evento meteorológico extremo ter causado seu encalhe, voltando para reparos em Stanley.

## CONSEQUÊNCIAS

Uma nota veemente de protesto do governo de Londres foi apresentada ao governo argentino por meio de sua Embaixada ainda em 3 de fevereiro de 1952<sup>4</sup>. Buenos Aires, então, apresentou nota com escusas ao governo de Sua Majestade, responsabilizando o comandante da base argentina por agir além de sua autoridade e por conta própria<sup>5</sup> – embora o Presidente argentino, Juan Domingos Perón (1895-1974), tenha recebido os militares envolvidos no incidente como heróis nacionais.

De toda maneira, quando da chegada da fragata britânica de volta a Hope Bay, escoltando o RRS *John Biscoe* (Figura 2), as escusas já haviam sido aceitas, e a questão resolvida de forma diplomática. O Rei George VI faleceria durante os acontecimentos, em 6 de fevereiro de 1952 – em seu lugar, assumiria o trono sua filha, Elizabeth II.

A Base D foi reconstruída e conviveu com a base argentina, instalada a poucos metros desta, sem eventos de hostilidades por muitos anos. A base britânica permaneceu em atividade, repita-se, até 1964. Foi transferida para o Uruguai em 1997 e continua ativa até hoje, como base de verão e sob o nome de Teniente Ruperto Elichiribehety. A Base Esperanza, por sua vez, também continua em operação<sup>6</sup> – curiosamente é o local na Antártica onde se registrou o primeiro nascimento de uma pessoa.

A Fragata HMS *Burghead Bay*<sup>7</sup>, após reparos, seguiu em atividade e foi vendida a Portugal em 1959, quando recebeu o nome de NRP *Pedro Álvarez Cabral*. Foi descomissionada em 1971 (Figura 2).

Sete anos após o incidente, o Tratado Antártico colocou de lado todas as reivindicações territoriais, iniciando uma fase particularmente próspera e pacífica para a Antártica, banindo inclusive sua militarização. Nos dias atuais, e por força do Tratado, as bases no continente gelado destinam-se a fins pacíficos, com destaque para a pesquisa, e a cooperação é imperativa diante das dificuldades naturais e climáticas do lugar. São terminantemente proibidas “quaisquer medidas de natureza militar, tais como o estabelecimento de bases e fortificações, a realização de manobras militares, assim como as experiências com quaisquer tipos de armas” (Artigo I, 1, Tratado da Antártica de 1959).

4 *British note to Argentina protesting at the armed opposition to a British party landing at Hope Bay, 3 February 1952*. Graham Land. Disponível em: <https://sparc.utas.edu.au/index.php/british-note-to-argentina-protesting-at-the-armed-opposition-to-a-british-party-landing-at-hope-bay-graham-land>. Acesso em: 16 maio 2021.

5 *Argentine note to the United Kingdom concerning the incident at Hope Bay, 27 February 1952*. Graham Land. Disponível em: <https://sparc.utas.edu.au/index.php/argentine-note-to-the-united-kingdom-concerning-the-incident-at-hope-bay-graham-land>. Acesso em: 16 maio 2021.

6 Para outras informações sobre a Base Esperanza, vide [https://archive.is/20030415024421/http://www.ejercito.mil.ar/antartico/bases\\_admin.htm](https://archive.is/20030415024421/http://www.ejercito.mil.ar/antartico/bases_admin.htm). Acesso em: 16 maio 2021.

7 *HMS Burghead Bay*. Naval-History.Net. Disponível em: <http://www.naval-history.net/xGM-Chrono-15Fr-Bay-BurgheadBay.htm>. Acesso em: 16 maio 2021.



Figura 2 – À esquerda: NRP *Pedro Álvares Cabral* em 1968, antiga HMS *Burghead Bay* (imagem disponível em: <https://revistadamarinha.com/tag/nrp-almvares-cabral/>). À direita: RSS *John Biscoe* em 1956 (fotografia de domínio público tirada pelo *The Evening Post*, disponível em: <http://beta.natlib.govt.nz/records/22780862>)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quase sete décadas se passaram desde que este incidente único, tido como um simples desentendimento, ocorreu – relembrando, em um momento em que não havia um acordo internacional regulamentando as relações internacionais no continente gelado. De toda maneira, os acontecimentos da Baía de Esperanza ainda reverberaram e foram percebidos 30 anos depois, quando outro suposto desentendimento entre os dois países, ocorrido em possessões britânicas no Atlântico Sul, resultaria em um novo, e agora sangrento, conflito: a Guerra das Malvinas (1982).

Não custa lembrar que, apesar da eficiente diplomacia de ambas as partes, a Base D apenas foi reconstruída por ter tido proteção naval e que esse evento ocorreu no que hoje é considerado parte do entorno estratégico do Brasil. A região, portanto, continua suscetível a conflitos, uma vez que os reclames territoriais nunca foram retirados pelas potências. Em algumas décadas, quando se volte a discutir o Tratado da Antártica, essas pretensões também poderão ser des-

congeladas e postas à mesa de negociação – nesse caso, seria ingênuo imaginar que os países não recorrerão a distintos instrumentos de poder para defender seus interesses, ainda mais diante de área com tantas riquezas.

Não se pode desconsiderar a relevância da Antártica para o Brasil. Seja em razão da pesquisa ali desenvolvida, seja devido à proximidade geográfica, ou mesmo por questões ambientais, o continente gelado é estratégico para o País. Ademais, possibilidades futuras de exploração sustentável da região devem ser acompanhadas de perto, bem como as pretensões e os interesses de outras potências na região. Acrescente-se que a manutenção da presença brasileira na Antártica, por meio da EACF ou de outras unidades de pesquisa, permite ao Brasil posição de relevo nos regimes internacionais referentes às regiões polares, dando legitimidade às manifestações brasileiras nessas esferas.

Histórias como a contada aqui não devem ser ignoradas e servem para nos recordar que a Antártica nem sempre foi o paraíso pacífico e utópico dedicado à paz e à ciência. Tensões semelhantes em regiões

do Ártico têm ocorrido, e nada impede que crises voltem a se acumular no continente antártico pelos mais variados motivos, à medida que os recursos naturais se exaurem e que não sejam encontradas

formas de se expandirem as fronteiras econômicas em outras áreas do globo. A Antártica tem sido, e o é por vocação, o último reduto dos recursos naturais ainda intocados do planeta, a última fronteira.

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<ÁREAS>; Antártica;

<RELAÇÕES INTERNACIONAIS>; Tratado da Antártida;

### REFERÊNCIAS

- BRASIL. Decreto nº 75.963, de 11 de julho de 1975. Promulga o Tratado da Antártica.
- Câmara, P.E.A.S. & Melo, R.B. 2018. Brasil na Antártica, os próximos 30 anos. *Revista da Escola Superior de Guerra* 33 (68): 64-81.
- CÂMARA, P.E.A.S; Brandão, C.V.C; Convey, P. & Roberts, K. 2020. “Os Primórdios da Ocupação da Baía do Almirantado, Antártica”. *Revista Marítima Brasileira*, 140: 135-14.
- DUFFY, James P. *Hitler's Secret Pirate Fleet: The Deadliest Ships of World War II*. University of Nebraska Press, 2005.
- HENDRY, Ian & DICKSON, Susan. *British Overseas Territories Law*. Oxford: Hart Publishing, 2011.
- HOWKINS, Aidrian. *Frozen Empires: An Environmental History of the Antarctic Peninsula*. London: Oxford University Press, 2017.
- STOKKE, Olav S. & VIDAS, Davor. *Governing the Antarctic: The Effectiveness and Legitimacy of the Antarctic Treaty System*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.